



Stefan_Botezatus_Images_CANVA



COMÉRCIO EXTERIOR NA ERA DA DESCENTRALIZAÇÃO DO DÓLAR

O Dia do Importador, celebrado em 29 de outubro, marca um ponto de reflexão sobre o novo momento do comércio exterior. O Brasil e o mundo vivem uma transição silenciosa, porém profunda, nas dinâmicas de câmbio e nas relações comerciais internacionais. A lógica das transações crossborder está mudando, e com ela o papel do importador.

José Esteban (*)

Durante décadas, o dólar norte-americano foi o principal eixo do comércio internacional. Ele segue dominante como moeda de referência, reserva e liquidação. No entanto, o que se observa hoje é um sistema menos centralizado. O protagonismo do dólar já não é absoluto: há um avanço gradual de acordos bilaterais e multilaterais que permitem o uso de moedas locais em transações comerciais, reduzindo custos e aumentando a autonomia financeira entre países.

Esse movimento é fruto de uma combinação de fatores: a digitalização das finanças globais, o fortalecimento de economias emergentes e o surgimento de novas infraestruturas de pagamentos internacionais. Países asiáticos e latino-americanos, incluindo o Brasil, têm ampliado o uso de moedas como o yuan, que ampliou seu mercado de uso no comércio exterior de 1% para 8,5% nos últimos anos – segundo dados do Banco Internacional de Compensações (BIS). Há também o iene, o peso chileno, dentre outras, que já aparecem bastante em transações. Isso não elimina o dólar, mas cria um ecossistema mais plural, com múltiplas rotas financeiras coexistindo.

Para o importador brasileiro, essa transformação exige uma nova visão estratégica. Não basta mais olhar apenas para a taxa de câmbio do dólar. É preciso compreender como diferentes moedas se com-



YorgosGR_CANVA

portam, como cada uma influencia o fluxo de caixa e quais instrumentos financeiros podem mitigar riscos. Nesse ambiente, a gestão de câmbio deixa de ser uma tarefa operacional e passa a ser uma ferramenta de competitividade.

O Ebury Bank tem acompanhado essa mudança de perto. Nossa missão é justamente simplificar o acesso a esse mundo multimoeda, oferecendo soluções que permitem às empresas brasileiras importar com eficiência, previsibilidade e segurança — seja em dólar, euro, libra ou yuan. Operar com múltiplas moedas não é apenas uma tendência: é uma vantagem estratégica em um comércio internacional cada vez mais dinâmico e digitalizado.

As plataformas crossborder modernas estão eliminando barreiras históricas. Hoje, é possível integrar fluxos de câmbio em tempo real, automatizar pagamentos internacionais e realizar operações com rastreabilidade e transparência antes restritas a grandes corporações. Essa democratização do acesso financeiro é um dos fatores mais transformadores do comércio exterior contemporâneo.

“O futuro das importações brasileiras será digital, diversificado e global. E o papel do importador, mais do que nunca, será o de construir pontes, não apenas entre países, mas entre sistemas, moedas e oportunidades.

Mas com novas oportunidades vêm também novas responsabilidades. O importador do futuro precisa dominar práticas de gestão de risco, compliance regulatório e sustentabilidade da cadeia global. O que diferencia uma empresa competitiva é a capacidade de combinar agilidade e controle, conectividade e prudência, atributos cada vez mais essenciais no ambiente internacional.

Neste Dia do Importador, a mensagem é clara: o dólar segue sendo o idioma principal do comércio mundial, mas já não é o único. Vivemos uma era de descentralização inteligente, em que múltiplas moedas, tecnologias e parcerias redesenham a forma de fazer negócios entre fronteiras. O futuro das importações brasileiras será digital, diversificado e global. E o papel do importador, mais do que nunca, será o de construir pontes, não apenas entre países, mas entre sistemas, moedas e oportunidades.

(*) CEO do Ebury Bank Brasil.



Khwanchai_Phantong_Images_CANVA